

# TRAJETÓRIAS ESCOLARES FEMININAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

LUDIMILA CORRÊA BASTOS (UFMG).

## Resumo

Alguns estudos recentes vêm descrevendo as condições desiguais a que se submetem educandas e educandos da Educação de Jovens e Adultos em seu retorno e permanência dentro da escola. No bojo dessa constatação, vemos que muitas vezes as relações de gênero elas mesmas se constituem socialmente obstáculos e merecem ser melhor conhecidas. Esta pesquisa foi desenvolvida no Projeto de Ensino Médio de Jovens e Adultos (PEMJA), parte do Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos da UFMG, que possui um público majoritariamente de mulheres. Foi realizado um levantamento do perfil da mulher aluna da EJA no PEMJA, buscando conhecer quais as razões que as incentivam a voltar a estudar, quais são as suas expectativas e objetivos com relação à escola, as dificuldades que enfrentam para se manterem matriculadas e frequentes em curso de EJA. Para a coleta de dados entrevistas semi-estruturadas e questionários padronizados foram utilizados. A investigação, feita à luz da literatura sobre gênero e educação, constata que elas possuem um perfil diversificado, entretanto com características marcantes, como o desejo de continuidade nos estudos apesar das dificuldades comuns enfrentadas, como a falta de apoio das famílias, poucos recursos financeiros e problemas em conciliar os estudos com o trabalho. Com a análise dos dados obtidos é possível refletir sobre as práticas pedagógicas adotadas, adequando-as melhor à realidade e aos interesses de suas alunas.

## Palavras-chave:

EJA, Escolarização da Mulher, Trajetórias Escolares.

## INTRODUÇÃO

O Projeto de Ensino Médio de Jovens e Adultos (PEMJA) é um Projeto de Extensão da UFMG, que funciona desde 1998. O PEMJA possui cerca de 150 alunos, sendo que mais de 60% são do sexo feminino. As idades dos alunos e alunas variam dos 20 aos 80 anos e são distribuídos de forma heterogênea nas seis turmas existentes, pois se acredita no Projeto que o conjunto de pessoas de idades diferentes nas turmas tem muito a acrescentar, já que são experiências de vida bastante diferenciadas.

Este artigo tem como tema central o perfil da mulher, aluna da Educação de Jovens e Adultos, no PEMJA. O público feminino é maioria neste Projeto de EJA, assim como nos demais segmentos educacionais, inclusive no ensino superior, na atual sociedade brasileira, como afirma o site oficial do IBGE, (Fonte: <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/mulher/mulherhoje.html>). De acordo com este site, os homens estão "perdendo espaço" no processo de escolarização, nos últimos anos, para as mulheres. Como causas para este evento, o IBGE aponta, o próprio fato de a maior parte da população brasileira ser composta por mulheres (cerca de 96 milhões) e o fato de haver atualmente uma universalização do ensino, garantindo o acesso da população feminina ao mesmo.

Esse artigo reflete sobre a mulher e aluna do PEMJA, e busca conhecer quais são os motivos que a afastaram da escola no passado, as razões que as incentivam a estudar e quais são as suas expectativas em relação à escola. Com a análise dos dados obtidos torna-se possível refletir sobre as práticas vivenciadas pelas alunas

da Educação de Jovens e Adultos. Esta monografia permite conhecer melhor estas alunas para então, a partir de seus anseios e saberes, aproximar as práticas pedagógicas de seus cotidianos, aprofundando e ampliando seus conhecimentos. Dessa forma, a possibilidade de realizações de práticas pedagógicas mais eficazes e dotadas de sentidos, de intervenções contextualizadas e significativas, para estas alunas se torna mais provável.

## O CONCEITO DE GÊNERO

De acordo com Soares (2003), percorrer as trilhas das histórias de vida das mulheres adultas nos leva a considerar que os alunos de EJA têm sexo, raça, religião, nacionalidade, como também estão inseridas em relação de gênero. Para Soares (2003) essa é mais uma especificidade a ser incluída na realidade do público dessa modalidade de educação. Sendo assim, é importante trabalharmos o conceito de gênero.

Para Louro (2000), gênero é uma construção social feita sobre as diferenças sexuais. O que interessa não é propriamente a diferença sexual, mas a forma como essa diferença é representada ou valorizada, aquilo que se diz ou se pensa sobre a diferença. Gênero se refere, portanto, ao modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto, ou então como elas são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico. Privilegia-se o conceito de gênero não relacionado aos papéis masculinos ou femininos, mas sim ligado à produção de identidade de mulheres e homens no interior de relações e práticas sociais. Nesse sentido, a escola, como espaço social para a formação de homens e mulheres é um espaço generificado, isto é, atravessado pelas representações de gênero. Em nosso país, esse espaço foi à princípio marcadamente masculino e da raça branca, mas como aos poucos a escola viu-se obrigada a acolher meninos de outras etnias e mulheres, foi obrigada a se transformar. No entanto, LOURO (2000) mostra que a escola se transformou sem alterar suas características principais, que é a de se constituir como um espaço diferenciador. Continuou exercendo uma ação distintiva e diferenciadora, por dividir os que nela estavam através de classificações e hierarquizações.

De acordo com as informações contidas no site do Ministério da Justiça do Brasil (Fonte: [www.mj.gov.br/sedh/ct/genero](http://www.mj.gov.br/sedh/ct/genero)), gênero é uma dada maneira de olhar a realidade da vida (das mulheres e dos homens) para compreender as relações sociais entre mulheres e homens. Gênero e sexo são conceitos bem diferentes, já que sexo é se remete às diferenças anátomo-fisiológicas existentes entre os homens e as mulheres e gênero, por sua vez, remete-se à maneira que as diferenças entre mulheres e homens assumem nas diferentes sociedades, no transcorrer da história. Gênero não é uma variável demográfica, biológica ou natural, mas traz toda uma carga cultural e ideológica, já que ninguém nasce mulher, e sim se torna mulher.

## CONCEITUANDO A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Rezende (2005) afirma que Educação de Adultos, ou Educação de Jovens e Adultos é um conceito histórico, que foi se formando e se modificando ao longo de processos de ações muito complexas e dinâmicas, como as lutas sociais. Esse conceito de EJA formou-se historicamente, em meio a contradições de interesses e ideologias, que resultam de diferentes opções éticas, políticas e pedagógicas. Para REZENDE (2003), quando nos referimos a EJA, devemos considerar atividades:

. De tipo escolar que envolve um professor e um grupo de alunos, desenvolvidas basicamente em sala de aula;

. Orientadas por um currículo pré-definido, inspirado no currículo da Educação Básica no Brasil;

. Voltadas para um público específico composto de jovens ou adultos das classes mais pobres da sociedade brasileira, atingidas em algum grau por processos de exclusão social e econômica.

Como já afirmado anteriormente, Carvalho e Bastos (2004), a Educação de Jovens e Adultos deve ser destacada como uma modalidade específica da Educação Básica, que se propõe a atender um público ao qual foi negado o direito à educação, durante a infância e/ou adolescência, seja pela oferta irregular de vagas, seja pelas inadequações do sistema de ensino ou pelas condições socioeconômicas desfavoráveis. Mesmo assim, a concepção de Educação de Jovens e Adultos não pode ser restrita a uma educação compensatória, como durante muito tempo foi pensada. Atualmente, para que se considere a EJA enquanto uma modalidade educativa inscrita no campo do direito faz-se necessário superar essa concepção dita compensatória, cujos principais fundamentos são a de recuperação de um tempo de escolaridade perdido no passado.

A concepção de EJA, para Carvalho e Bastos (2004), deve levar educandos e, principalmente, educadores à ressignificação dos saberes da idade adulta. Nesta perspectiva, é preciso buscar uma concepção mais ampla das dimensões tempo/espço de aprendizagem, a partir da qual educadores e educandos estabeleçam uma relação mais dinâmica com o entorno social e com as suas questões, considerando que a juventude e a vida adulta são também tempos de aprendizagens.

Nesta mesma perspectiva, Cardoso (1984) assume a hipótese de que o educando, aluno da EJA, além de saber utilizar corretamente os conhecimentos adquiridos dentro de sala de aula, deve também conseguir utilizá-los para expressar de forma crítica a realidade em que vivem. Ou seja, o professor que trabalha na modalidade de ensino da EJA deve se preocupar em fazer uma articulação entre o que se trabalha dentro a sala de aula e a vida cotidiana de seus alunos.

Fávero (1983) afirma que dentro da EJA, nada temos de propor ao adulto que se torna aluno, além de si mesmo e da circunstância de sua vida. Propor novidades é ainda ser ingênuo. Querer "instruí-lo" significaria desistir de tarefas maiores. Para Fávero (1983) a Educação de Jovens e Adultos deve ser feita como resistência a muitas idéias cristalizadas, como assistencialismo, conformismo, otimismo e demagogia. Deve ser uma educação planejada enquanto movimento plural, diversificado e pensada em função das particularidades que se fazem presentes. Quem trabalha com a Educação de Jovens e Adultos deve saber e atuar, intervir e participar, além de trabalhar no sentido de criação e de uma educação voltada para a cultura do aluno.

#### A MULHER ALUNA DA EJA

Nogueira (2003) desenvolveu um estudo sobre a influência da condição feminina na busca de escolarização na idade adulta. Mulheres que, segundo ela, enfrentam toda a sorte de dificuldades para conseguirem se matricular e permanecer em um curso de EJA.

Segundo Nogueira (2003), as mulheres correspondem, atualmente, a mais da metade da população brasileira, que está em torno de 170 milhões de pessoas. Desta população, 80%, em 1991, eram escolarizadas; já em 2000 atingiu-se 88%. Neste grupo há uma maioria absoluta de mulheres, o que mostra uma "vantagem"

de escolarização da mulher em relação ao homem. O que se pode perceber é que as novas gerações do sexo feminino estão conseguindo transformar uma situação histórica de desigualdade, no qual os índices de analfabetismo feminino sempre foram maiores do que os masculinos. Foi com base nestes dados, a V Conferência Internacional da Educação de Adultos, realizada em Hamburgo, na Alemanha no ano de 1997, reconheceu a necessidade da educação da mulher, destacando que a alfabetização da mulher, não importando em que idade, influência na matrícula, na assistência, na permanência e no rendimento escolar dos filhos.

No contexto mais geral da área da Educação de Jovens e Adultos, de acordo com Nogueira(2002), nos deparamos com a ausência de uma política nacional articuladora das mais variadas experiências, projetos, iniciativas e ações. Nogueira (2002) afirma que o combate ao analfabetismo de mulheres adultas, por se tratar de um contingente com necessidades muito específicas e limites próprios, exige políticas muito bem planejadas para se conseguir a atração e a manutenção deste público alvo.

De acordo com Barreto, Álvares e Costa (2005), a visão de mundo de uma mulher que retorna aos estudos depois de adulta, após um tempo afastada da escola, ou mesmo daquela que inicia sua trajetória escolar nessa fase da vida, é bastante peculiar. Protagonistas de histórias reais e ricas em experiências vividas, as alunas da Educação de Jovens e Adultos configuram tipos humanos diversos. São mulheres que chegam à escola com crenças e valores já constituídos. A cada realidade corresponde um tipo de aluna e não poderia ser de outra forma, são pessoas que vivem no mundo adulto do trabalho, com responsabilidades sociais e familiares, com valores éticos e morais formados a partir da experiência, do ambiente e da realidade cultural em que estão inseridas.

Rosemberg (1994) afirma que as mulheres vêm se beneficiando da lenta e gradual democratização da educação formal no Brasil, que tem se observado nas últimas quatro décadas, principalmente no que se diz respeito aos cursos e programas voltados para o público jovem e adulto. Entretanto, Rosemberg (1994) acredita que as mulheres possuem menor possibilidade de se alfabetizarem pelo transcórre da vida adulta. Para a autora, a vida social impõe muitas limitações para uma mulher que decide frequentar um curso de EJA: menor liberdade de locomoção; cansaço decorrente da justaposição ou sobreposição de jornadas de trabalho; disponibilidade subjetiva para realizar atividades fora de casa que possam competir com seu papel familiar.

São poucas as informações disponíveis no Brasil, sobre o perfil da população jovem e adulta, alfabetizada ou semi- alfabetizada, que frequenta um curso de EJA, segundo Rosemberg (1994). Pesquisas pontuais sobre regiões específicas fornecem, porém, informações contraditórias quanto á composição sexual da clientela de tais cursos, ora favorecendo aos homens, ora as mulheres. Observações informais sobre o perfil da clientela, depoimentos pinçados aqui e ali insinuam um esboço: frequentam os cursos mulheres que vivem a escola não apenas como lugar para se credenciarem ou aprenderem, mas também como espaço de convívio social. É frequentando a escola que se pode mudar de status- tornarem estudantes- encontrar colegas, conviver com outras pessoas. Não parece existir, no momento atual brasileiro, disponibilidade para se pensar a alfabetização de mulheres jovens e adultas como uma questão específica; não parecem existir barreiras na sociedade brasileira neste momento que dificultem especificamente a escolaridade de mulheres aluna da EJA; parece existir necessidade sim, de que se discutam e implementem medidas que atenuem as subordinações de classe, gênero e raça âmbito do sistema social.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: O PERFIL DA ALUNA DO PEMJA

Foram aplicados aos alunos do Projeto de Ensino Médio de Jovens e Adultos questionários padronizados com o objetivo de conhecer um pouco dos anseios, das dificuldades enfrentadas por seus alunos, dentre outras coisas. Foram compostos de questões fechadas e abertas procurando levantar as seguintes informações: faixa etária, cor, profissão, estado civil, características familiares (filhos, com quem mora), situação sócio- econômica, condições de saúde, motivação e incentivo para estudar, mudanças em aspectos de vida após a volta dos estudos, objetivos subsequentes ao ensino médio, opinião sobre o Projeto, dificuldades encontradas na volta ao estudo.

Os questionários correspondentes ao sexo feminino correspondiam a 105. Os dados contidos neles foram analisados e agrupados nas categorias de idade, estado civil, número de filhos dependentes e renda, para um análise mais precisa dos itens que dizem respeito diretamente à mulher e a sua condição de aluna de EJA. Observou-se com a análise destes questionários que a mulher aluna do PEMJA apresenta um perfil bastante diversificado, entretanto com algumas características marcantes para quase todas elas.

A maior parte das alunas que responderam ao questionário, cerca de 47%, são casadas, 23% são solteiras, seguidas de 15% divorciadas. A grande maioria possuem idades de 31 a 50 anos, sendo que, 30% estão na faixa etária compreendida entre 41 a 50 anos (faixa etária em que afirmam que os filhos já estão todos "criados") e 27 % na faixa etária compreendida entre 31 a 40 anos. 42 % das alunas se consideram da cor branca e 40% da cor parda. A minoria, 13%, se auto-classifica como negra. Há ainda um grupo, representado por 5% as alunas, que se considera como de "outras cores", que foi agrupado em uma mesma categoria devido a grande diversidade de respostas. Dentre este grupo, apareceram as seguintes respostas: marrom, bege, rosa, rosa claro e cinza.

A maioria absoluta, afirmou possuir renda familiar superior a R\$1.050,00, o que equivale a aproximadamente três salários mínimos. E dentre estas mulheres, 44% afirmam trabalhar fora, em emprego fixo. 32% afirmam estar desempregadas, 11% do lar, 6% trabalham com serviços autônomos e 5% são aposentadas. Vemos assim, que somando os grupos de mulheres empregadas, autônomas e aposentadas, temos 55% das alunas com renda própria para se manterem na escola.

A maioria obteve apoio e incentivo para retomar os estudos, seja do pai ou da mãe, dos filhos, do marido ou de outras pessoas como amigos, vizinhos e colegas trabalho. Entretanto, os filhos aparecem como aqueles que mais incentivaram a volta dos estudos de suas mães, seguido pelo apoio dos maridos de cada uma.

Acredito que as mulheres que possuem o apoio de alguém para estarem matriculadas em um curso de EJA, possuem maior chance de concluí-lo do que aquelas que não possuem apoio nenhum. Esta minha suposição se deve ao fato de a falta de apoio e incentivo dos familiares representarem, para estas alunas, mais um obstáculo a ser vencido, além de todos os outros existentes.

Neste item do questionário, que consistia em uma questão aberta, vimos que 37% das alunas não terem respondido qual o motivo que fez com que saíssem da escola em seu passado. Em conversa informal, parte destas mulheres afirmou não responder este item por não se lembrar exatamente do que as afastou a escola e outra parte significativa, afirmou não se sentir "à vontade" para responder a este item.

Das alunas que responderam 26% afirmou ter parado de estudar, no passado, devido à gravidez seguida do casamento, do casamento por si só. As demais apresentam motivos como necessidade de trabalhar fora (16%), dificuldades financeiras (15%), conflitos familiares (5%) e o fato de não conseguir aprender na escola (1%), para justificarem a saída da escola.

Quais os motivos levaram estas mulheres de volta à escola? 32% voltou a estudar em busca de crescimento pessoal e de obter mais conhecimento. 28 % das alunas afirmou querer apenas dar continuidade aos seus estudos de onde pararam, 26% voltou a estudar devido a necessidades profissionais, 8% mais convivência com outras pessoas, 1% para melhorar de vida e 5% não respondeu a este item, que correspondeu a mais uma questão aberta do questionário.

Como objetivo após o Ensino Médio, 57% das entrevistadas apresentam o vestibular e a faculdade, seguido de 22% para cursos técnicos, 11% para concursos públicos, 3% não possuem ainda objetivos e 3% não respondeu a esta pergunta.

A grande maioria, 79%, pretendem continuar estudando, seja fazendo uma faculdade ou um curso técnico, assim, como escreveu a aluna Célia Pinto: "Não defini ainda se faço curso técnico de enfermagem ou se faço vestibular para entrar na faculdade. Até o fim do curso eu decido. Só sei que não quero parar de estudar de novo".

30% das alunas que responderam ao questionário afirmam não ter encontrado dificuldades com a volta ao estudo. Das que afirmam ter encontrado dificuldades, apresentam os seguintes motivos: 43% dificuldades de adaptar a família à esta nova situação; 19% em conciliar o trabalho e a escola; 19% encontraram dificuldades por terem ficado muito tempo longe da escola, sem estudar; 17% possuem dificuldades com a disciplina de Matemática; 10% apresentam dificuldades financeiras para se manterem na escola e 10% afirmam possuir outras dificuldades mas não especificaram quais são estas dificuldades.

Destas mulheres analisadas, 70%, afirma ter encontrado dificuldades com a volta à escola, principalmente no que se diz respeito a adaptar as famílias à nova situação, pois os familiares sentem falta da "mãe dona de casa", aquela que sempre deixa a comida pronta, a casa arrumada, está sempre em casa à disposição. Sendo assim, um outro item do questionário chama bastante a atenção, as pessoas que apoiaram estas mulheres na volta ao estudo não são, em maioria, as mesmas que continuam apoiando quando elas regressam à sala de aula.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Homens e mulheres são sujeitos diferentes e com interesses práticos diferentes. Sendo assim, o que é atrativo para os homens pode não ser da mesma forma para as mulheres alunas da EJA. São públicos distintos, com histórias de vida diferenciadas e conseqüentemente com interesses diversos. Sendo assim, temos alunos e alunas matriculados dentro da EJA, cada grupo com suas especificidades. E acredito que não existe a mulher aluna da EJA e sim mulheres alunas de cursos de Educação de Jovens e Adultos, como já refletiu BORGES (1980), afirmando que desde os tempos do Império não se pode falar em mulher e sim em mulheres, afinal sempre existiu mulheres e grupos de mulheres com suas especificidades sociais e educacionais.

Como afirma Rosemberg, Pinto e Negrão (1982) é fato que se aumentou o grau de escolarização da mulher no Brasil, principalmente nas faixas etárias mais baixas, aonde não existe mais o problema de vagas para mulheres dentro das escolas. O

que se deve, neste momento, procurar refletir é sobre a utilização que as mulheres tem feito, em suas vidas, desta passagem, mais numerosa e mais longa pelo sistema educacional. Deve-se procurar saber, em futuras pesquisas o quanto e como a educação escolar tem alterado a qualidade de vida da mulher e a sua inserção dentro da sociedade.

A questão de vagas dentro das escolas, para as mulheres, seja em escolas regulares ou em cursos de Educação de Jovens e Adultos não é mais o problema. A preocupação é com a da qualidade deste acesso, se é ofertado um ensino mais direcionado para os interesses e peculiaridades deste grupo. E, foi esta a contribuição que este estudo procurou oferecer, a de conhecer melhor as alunas do PEMJA, para então, a partir das suas realidades de vida, aprofundar e ampliar os seus conhecimentos, fazendo com que a escola se torne mais significativa e prazerosa para as mesmas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, González Miguel. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In.: SOARES, Leôncio, GIOVANETTI, Maria Amélia, GOMES, Nilma Gomes. *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006. p 17- 50.

BEISIEGEL, Celso de Rui. Cultura do povo e educação popular. *Revista da Faculdade de Educação da USP*. São Paulo, 1979.

BORGES, Wanda Rosa. *Profissionalização Feminina: uma experiência no ensino público*. São Paulo: Edições Loyola, 1980. 151 p.

CARDOSO, Sandra Maria Costa. *Linguagem e Educação de adultos: uma contribuição ao ensino supletivo*. (Dissertação de Mestrado-orientação: FÁVERO, OSMAR) Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1984. 155 p.

CARVALHO, Alexandra, BASTOS, Ludimila. *Um olhar sobre a educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: PEMJA, COLTEC, UFMG: 2004. 10 p.

COLTEC, Projeto de Ensino Médio de Jovens e Adultos do Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos da UFMG (PEMJA 2003). Realização do Colégio Técnico do Centro Pedagógico/UFMG, 2003. 12 p.

FÁVERO, Osmar (org.) *Cultura Popular, Educação Popular: memória dos anos 60*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. 283 p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Brasil: Paz e Terra (Coleção Leitura), 1997.

\_\_\_\_\_. Sobre educação. In.: *Diálogos, Vol. 1*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002 (1ª ed., 1982). 132 p.

LOPES, Selva Paraguassu, SOUSA, Luzia Silva. *EJA: uma educação possível ou mera utopia?* São Paulo: Centro de Referência em Educação de Jovens e Adultos, 2003. Disponível em: <http://www.cereja.org.br/>. Acesso em: 22/10/2007, às 14h21min.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e magistério: identidade, história, representação. In: CATANI, Denice Bárbara; OLIVEIRA, Belmira Bueno; SOUZA, Cynthia Pereira de; SOUZA, Maria Cecília. *Docência, Memória e Gênero-Estudos sobre formação*. Editora Escrituras, São Paulo, 2000.

NOGUEIRA, Vera Lúcia. Educação de Jovens e Adultos e gênero: um diálogo imprescindível à elaboração de políticas educacionais destinadas às mulheres das camadas populares. In.: SOARES, Leôncio. *Aprendendo com a diferença- estudos e pesquisas em Educação de Jovens e Adultos*, Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003. p.65-90.

\_\_\_\_\_. *Mulheres Adultas das camadas populares: a especificidade da condição feminina na busca de escolarização*. Belo Horizonte: Fae/UFMG, 2002. (Dissertação de Mestrado).

REZENDE, Maria Valéria Vasconcelos. Educação de Jovens e Adultos no Brasil - Visão histórica. In.: *Guia de estudo: educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, Coleção Veredas, Formação Superior de professores, módulo 7, 2005. p. 13-49.

ROSEMBERG, Fúlvia; PINTO, Regina P; NEGRÃO, Esmeralda V. *A Educação da Mulher no Brasil*. São Paulo: Global Editora, 1982. 112 p.

ROSEMBERG, Fúlvia. A Educação de Mulheres Jovens e Adultas no Brasil. In.: SAFFIOTI, Haleieth e MUÑOZ, Vargas (org). *Mulher Brasileira é assim*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1994.

Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Documento Base Nacional. In.: *Encontro Estadual preparatório para a VI Confiteia*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2008.

Site: <http://http://www.ibge.gov.br/>, acesso em 09/03/2008, às 11h15min.

Site: <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/mulher/mulherhoje>, acesso em 16/03/2008, às 14h18 min.

SOARES, Leôncio. *Aprendendo com a diferença. Estudos e pesquisas em Educação de Jovens e Adultos*, Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003. 141p. (org.)